

POESIA FALADA CONTÊMPORANEA COMO MANIFESTAÇÃO POLÍTICA: SLAM E LITERATURA MARGINAL JUNTOS NO SLAM GENTIL

Wenchelys Barroso da Silva Queiroz

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as manifestações políticas dentro das poesias de periferias e as influências que essas manifestações trazem para a construção da identidade como poeta de periferia. A partir da compreensão dos gêneros e estilos de poesia utilizada pelo grupo "Slam Gentil". Com este trabalho almejamos buscar compreender como a questão política pode influenciar o evento, inclusive nos gêneros e estilos de poesia mais comuns de poetas que lá se apresentam e entender como se faz a construção da identidade dos poetas de periferias que ali se apresentam, compilar informação sobre a poesia Slam e sobre a cena contemporânea cearense de poesia falada. A presente pesquisa tem como característica analisar os dados sob o prisma da abordagem qualitativa, que pode ser um processo interpretativo de dados sem preocupações quantificadoras, para isso, o método adotado é o hipotético-dedutivo, o qual se objetiva provar a veracidade de uma tese a partir de testes de hipóteses determinadas. Este trabalho buscou conhecer, sucintamente, o movimento Slam gentil e a literatura marginal como expressão de direito e respeito às mulheres e todos que fazem a sociedade. Desta forma, procuramos evidenciar alguns dos acontecimentos, em uma trajetória curta pelo movimento, para melhor compreendermos o movimento Slam, atribuindo-lhe a devida importância.

Palavras-chave: Slam; Slam gentil; Literatura marginal; Identidade; Mulher.

ABSTRACT

The present work aims to analyze the political manifestations within the poetry of peripheries and the influences that these manifestations bring to the construction of identity as a peripheral poet. From the understanding of the genres and styles of poetry used by the group "Slam Gentle". With this work, we aim to understand how the political question can influence the event, including the most common poetry genres and styles of poets present, and to understand how to construct the identity of the poets from the peripheries present, to compile information about Slam poetry and about the contemporary scene from Ceará state of spoken poetry. The present research has as a characteristic to analyze the data under the prism of the qualitative approach, which can be an interpretative process of data without quantifying concerns, for this, the adopted method is the hypothetico-deductive, which aims to prove the veracity of a thesis from tests of certain hypotheses. This work sought to know, briefly, the gentle Slam movement and marginal literature as an expression of rights and respect for women and all who make society. In this way, we try to show some of the events, in a short trajectory by the movement, to better understand the Slam movement, giving it due importance.

Keywords: Slam; Gentle slam; Marginal literature; Identity; Woman.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar as manifestações políticas dentro das poesias de periferias e as influências que essas manifestações trazem para a construção da identidade como poeta de periferia, a partir da compreensão dos gêneros e estilos de poesia utilizada pelo grupo “*Slam Gentil*”.

O trabalho partiu de uma curiosidade quanto ao movimento “*Slam Gentil*”, que é um evento que envolve a literatura o qual ocorre uma competição de poesia falada. O evento conta com organização de Lua Grecco, Everton Lopes, Léon Denis e Saulo Vieites todos residem em Fortaleza. O movimento terminará o ano de 2017 com sua 9ª edição que acontecem sempre no mesmo local, na praça Gentilândia em Fortaleza a partir das 16 horas.

No *Slam* para que o poeta participe o mesmo deverá apresentar seus textos de autoria própria, com duração de três minutos. Acontecem algumas rodadas que depende de como os poetas se saírem em sua performance. Na “batalha” contamos com a presença de jurados que são escolhidos no próprio evento. Claro que, a depender da comunidade, as regras, os estilos vão ser adaptados para que o evento aconteça da melhor forma possível.

Com este trabalho almejamos buscar compreender como a questão política pode influenciar o evento, inclusive nos gêneros e estilos de poesia mais comuns de poetas que lá se apresentam e entender como se faz a construção da identidade dos poetas de periferias, compilar informação sobre a poesia *Slam* e sobre a cena contemporânea cearense de poesia falada.

Fundamentação Teórica

O termo *Slam* refere-se originalmente a uma sequência de torneios esportivos e passou a ser associado à poesia em 1986, por iniciativa do trabalhador da construção civil, Marc Smith. É digno de nota que o *Slam* tenha nascido num ambiente de operariado de classe média, mas que, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil, tenha se fortalecido dentro de comunidades marginalizadas, entre artistas e público que compartilham experiências de opressão e precarização da vida.

O *Slams* ou *poetry slams* são encontros de poesia onde há performances de “poesia falada” geralmente em forma de competição, nos anos 1980, o *Slam* trouxe uma

renovação para a poesia oral, crescendo rapidamente e se propagando por todo o mundo. A ideia do *Slam*, é democratizar a poesia e devolvê-la novamente as pessoas.

O *Slam gentil* tem uma característica que marca o ato político no momento das apresentações uma espécie de grito de guerra que é apresentado antes de cada poeta recitar, mostrando a vasta mistura do “*Slam*” dentro do “*Slam Gentil*”, comprovando a democratização da poesia. Segundo Minchillo (2017):

Quanto à rede de sociabilidade promovida pelos *slams*, é interessante pensar que a conexão entre *slams* e território periférico se dá menos por circunstâncias estritamente geográficas do que por uma relação de afinidade constantemente recriada. É preciso notar, por exemplo, que quando os textos abordam questões como abuso sexual, violência doméstica, agressão a gays ou abandono de filhos pelo pai, o "outro" que oprime já não está necessariamente do outro lado da ponte, mas no seio do próprio território periférico. (p.7)

Literatura marginal, performance estão muito ligadas ao *Slam*, com toda essa performance, poesia falada, literatura que tem um dos seus berços a periferia as fazem entrelaçá-las de forma que torne ainda mais bonita a contracultura presente dentro desse grande movimento que se expande e conquista os sobreviventes das periferias. Segundo Ramos (2017):

A cidade não é feita somente pela disciplina do Urbanismo, mas por diferentes camadas tecidas por aqueles que a usam e dela se apropriam, em incontáveis manifestações, como as narrações que ocorrem em espaços da cidade de São Paulo por meio dos *slams* de poesia,² que consistem em declamações poéticas em locais públicos e privados, em que o poeta versa, em formato de batalha, durante três minutos, sobre diversos temas ligados à sua vida. (p.3)

O interessante do *Slam* é justamente trazer para si uma competição que de fato de fato te faz crescer, não apenas com os temas ligados à sua vida, mas, não é apenas uma batalha e sim troca de experiências. A partir daqui vemos que no *Slam* há uma identificação dos sobreviventes, não apenas dos poetas, mas essa identidade é construída também entre o público que participa e através da arte mostram a realidade que se encontram. Ramos (2017) afirma que:

Dessa forma, colocar o corpo na cidade e narrar o cotidiano se trata de um jogo de disputas. Por um lado, enxergamos essa produção urbana delegada exclusivamente aos seus fazedores oficiais e participantes

mercantis e diversos aparatos de policiamento, coerção e vigilância, que, na maioria das vezes, relegam aos habitantes da urbe o local de contemplação e docilização. Notamos, por outro, de igual importância, as linhas de demarcação do Urbanismo se alongarem e possibilitarem maiores trocas durante seu percurso histórico. (p. 3)

Através dessa disputa podemos perceber o que de fato se quer alcançar com a performance, com “*Slam Gentil*”, que é um evento que envolve a literatura o qual ocorre em uma competição de poesia falada. Esse é um aspecto do “político” do *Slam* e do Sarau- o poeta se apresenta como num “comício”, defendendo ideias com seus poemas a recepção da poesia apresentada, com aplausos, gritos, dando suporte. O processo indenitário acontece para todos os presentes – poetas e expectadores.

No *Slam* para que o poeta participe o mesmo deverá apresentar seus textos de autoria própria, com duração de três minutos. Acontecem algumas rodadas que dependem de como os poetas se saírem em sua performance. Na batalha, contamos com a presença de jurados que são escolhidos no próprio evento.

Claro que a depender da comunidade as regras os estilos vão ser adaptados para que o evento aconteça da melhor forma possível. Com isso concordo quando Ramos (2017) diz:

Vimos surgir, ao longo dos séculos, expressões críticas, utópicas e ideológicas, elaboradas por pensadores de diferentes contextos, questionando a produção de cidade, encampadas como parte do que se compreende pelo campo disciplinar do Urbanismo. Muitos questionamentos acerca do lugar das pessoas na urbe e das formas de participação de sujeitos ordinários foram elaborados por intelectuais provenientes de diferentes áreas e saberes, proporcionando ao campo outras relações com áreas críticas ao modo hegemônico de fazer cidade, abrindo horizontes para o debate. (p. 3)

Com o movimento *Slam Gentil* a citação de Ramos faz sentido, pois encontramos grandes críticos e as poesias ali faladas abrem de fato os horizontes para que o debate, através do que foi nos apresentado, ganhe proporções e faça nascer grandes poetas marginais e que cada vez mais os diferentes contextos criem críticas até que a nossa voz seja ouvida. A poesia ganha diversas interpretações a partir do momento que é falada. É justamente a poesia dos poetas vencedores que tocam o público que ali se encontram, tanto pela forma quanto pelo conteúdo.

A literatura marginal segundo Nascimento (2006), a associação do termo marginal à literatura produziu diferentes empregos e significados dando origem a uma rubrica ampla

e de entendimento quase sempre problemático. Isso porque a expressão literatura marginal serviu para classificar as obras literárias produzidas e veiculadas à margem do corredor editorial. Com o passar do tempo o que podemos perceber é que essa classificação se estendeu a autores que viviam situações marginais como moradia, cor, gênero no que desrespeito ao social.

Segundo Oliveira (2011), além das novas formas de representar o mundo, que remetem mais ao uso da linguagem e aos significados textualmente construídos, existe ainda, por parte dos “marginais” dos anos 70, a adoção de um comportamento, de uma atitude marcadamente crítica em relação à ordem econômica e social, que também constitui uma forma diversa de representação do artista e do intelectual.

Com base na definição citada a cima de literatura marginal podemos notar que desde seu surgimento essa literatura já vem causando problemáticas que com toda certeza enriquece nosso vasto mundo literário e que para esses artistas que vendiam nas margens das editoras estavam construindo uma das mais lindas formas de performance da literatura que soprou vida nos artistas das periferias que por sua vez viviam em situações marginais com relação a nossa sociedade. Os narradores dessa literatura carregam com si uma vivência incrível, Zibordi (2004) afirma que:

O narrador marginal é um sobrevivente, a testemunha imiscuída nos fatos, o transmissor do que viu e viveu. Ele emerge, por exemplo, nas trajetórias de vida constantemente ficcionalizadas. Os textos apresentam personagens oprimidas que trilham existências curtas e acidentais, geralmente triste. Vidas interrompidas em sua possibilidade material e emocional querem dizer que a infelicidade do sujeito da periferia, segundo expressa sua literatura, é resultado da insuficiência financeira e, também, da carência de certos nutrientes subjetivos como bondade, também, da carência de certos nutrientes subjetivos como bondade, atenção, cuidado, carinho, amizade, amor. Os narradores marginais contam o que a experiência demonstrou em exaustivas e recorrentes amostras. (p. 71)

Quando por ventura lemos uma obra intitulada como “Marginal”, de fato podemos notar o quão sobrevivente (s) o (s) narrador (es) da obra são, dentro desses textos há vozes que apenas sofrem e que através da arte soltam suas dores, se fazem ser ouvidas e ao analisarmos também se pode notar quantas ausências de fato há na vida desses narradores e o quanto suas histórias são amostras que requer cuidado e uma atenção, não para que sejam dignos de pena, mas para que as ausências sejam preenchidas. É necessário que

olhar mude para com os artistas de periferias, há uma busca por espaço desde muito tempo, não é tomar o espaço e sim fazer parte dele também como manifestação da arte que vem das periferias e que ensinam através do que mostram.

Ainda com a perspectiva de manifestação artística há uma performance ao se apresentar uma obra chamada de literatura marginal, com isso não se pode deixar de lado o quanto a performance é fundamental para que haja uma fácil compreensão da obra e é necessário que se valorize tal prática, segundo Medeiros (2004):

Em textos informativos sobre poesia marginal, as performances poéticas costumam ser citadas como prática corrente nos 70, porém de forma um tanto vaga e imprecisa¹. Prova disso é que por vezes comete-se o equívoco de estender o nome de *Artimanhas* a essas performances de um modo geral, ignorando a autoria, a especificidade, e a importância daquelas. Isso é um dos motivos que nos levam a crer que ainda seja útil e produtivo, hoje, reavaliar passagens da história da poesia marginal, não só à guisa de prestação de esclarecimentos como também a fim de incrementar a apreciação crítica de certos objetos estéticos mal valorados no calor da hora. (p.11)

Se fazia necessário que a literatura pudesse de alguma forma ter sua característica marcante, com as chamadas *Artimanhas*, as pessoas passaram a ler suas ou outras poesias como forma de manifestação crítica a sociedade. Segundo Medeiros (2004):

No caso das *Artimanhas*, revê-las traz consequências diretas para a literatura – posto que a poesia, ou alguma poesia, nas décadas de 60 e 70, entendeu-se também como arte performática – e para a história dos anos 70 no Brasil, permitindo uma melhor compreensão do papel da contracultura num contexto ditatorial. As *Artimanhas* foram um tipo bastante peculiar de performance poética criado e apresentado entre os anos de 1975 e 1979 pelos componentes de um grupo que se constituiu em 1972, no Rio de Janeiro, de formação mista, a Nuvem Cigana. Os poetas integrantes da Nuvem são aqueles em quem mais comumente se pensa quando se fala de poesia marginal: Chacal, Charles, Ronaldo Santos, Bernardo Vilhena² – daí a grande representatividade da Nuvem na literatura dos anos 70. (p.11)

As *Artimanhas* trouxeram consequências direto para literatura marginal, pois foi notório o quanto facilitou na compreensão da das poesias ali apresentadas, o que também se pode observar e que desde dos anos 70 vemos que a política está presente nas poesias ou melhor nas artes periféricas (marginal), carregando grandes nomes que compreenderam a essência da performance poética. Notamos que se houve desde o início

um espírito de reivindicação dentro da performance literária, depois não havia dúvida que a poesia era algo para ser falado em alto e bom tom, o próprio cenário vai construindo a performance que será adotada, trazendo riqueza de detalhes para o momento, o corpo, mente, momento vivido trazem a riqueza para que a performance poética ganhe veracidade.

Metodologia da pesquisa

A presente pesquisa tem como característica analisar os dados sob o prisma da abordagem qualitativa, que pode ser um processo interpretativo de dados sem preocupações quantificadoras, “podem ser constituídas conjecturas que precisam ser testadas de diversas maneiras” (SANTOS, 2015, p. 190). Para isso, o método adotado é o hipotético-dedutivo. E com base nesta abordagem e neste método tentaremos explicar algumas etapas para a criação do *corpus*.

Para a construção do *corpus*, adotaremos as seguintes etapas definidoras das ações: A primeira etapa é a revisão da bibliografia. Nela, retomadas as leituras dos autores que servirão de base para o presente trabalho. Na segunda, iniciou-se as leituras técnicas sobre o assunto e, a partir disso, percebeu-se a problemática a ser tratada. Seguindo continuamos com a terceira etapa que é a construção dos dados. Então, iniciou-se as visitas de campo em que foram adotadas as metodologias de observação, anotações e gravação de áudios e vídeos.

E por fim não menos importante a última etapa: a análise dos dados nesta etapa, será analisado dois poemas um de cada ganhador, tanto na forma como pelo conteúdo do *Slam Gentil* na perspectiva de manifestação política.

Leituras

Analisaremos dois poemas de autores periféricos, em ambos os poemas tentaremos captar a “luta da mulher quanto a seus direitos”, e também traremos à tona a busca por identidade, por tomada de direitos das mulheres presentes nos poemas. O primeiro poema a ser analisado chame-se “Revolução Revolver” da autora Iasmim Queiroz que reside em Fortaleza, é estudante do Ensino Médio e trabalha como auxiliar administrativo. Ela foi a primeira ganhadora do *Slam Gentil* no dia 06 de maio de 2017 na praça da Gentilândia. A autora teve contato com a poesia aos 7 anos de idade e, após

a primeira edição do *Slam Gentil*, voltou a escrever e a fez reviver dando sentido e rumo a sua vida.

A poesia veio para lapidar. Toda a militância pelos direitos humanos, pelo feminismo, pelos direitos de minorias, acontece pulsante naquela roda da Gentilândia, onde há um misto de energias gritantes, de sonhos imensos, de gente que tem calor para compartilhar. O *Slam* é ação humana para o amor, é a razão palpável pela qual ainda resistem de pé, os que amam e vivem poesia. Há um grito de liberdade nas poesias ali apresentadas como veremos nos poemas que serão analisados posteriormente. Antes de focarmos na mulher e na busca por seus direitos e identidade, destacaremos alguns versos para entendermos a busca e as vozes que gritam por socorro numa sociedade que oprime.

A poesia “Revolução Revolver” traz nos versos: “A poesia que promove a revolução revolver/ É mesma que incita, motiva e capacita/ Cada um de nós honrar nossas mães Marias/ Provoca e ressuscita o gigante que adormecia...”, com a poesia podemos manifestar o que sentimos. Assim como um revolver que pode atingir qualquer indivíduo os versos alcançam o mesmo objetivo de quem atira o de atingir um ser., porém nos versos temos como objetivo incitar, motivar e capacitar, pois com as palavras podemos alçar voo e juntos lutarmos por direitos, honrar todas as mães que perderam ou que se orgulham de seus filhos.

Com a revolução podemos acordar o que em nós adormecia, pois, muitos direitos são tirados e não nos manifestamos, apenas aceitamos calados. Com a poesia que de alguma forma nos toca, ressuscitamos esses gigante que adormecia para que não baixemos as nossas cabeças diante das perdas de direito e também nos capacita a não concordamos. A poesia nos dá subsídios para que juntos sejamos fortes e lutemos por nossos direitos. Assim como nos a seguir: “Se move sem o aprove de quem tá lá na bancada/ Eu não compactuo com essa mesma palhaçada/ A tirada de direitos não inibi nossos feitos/ A estrada segue a rota, a fila do sonho lota...”

Os versos acima nos mostram que mesmo que os governantes não aprovem, não iremos para de lutar pelos nossos direitos, a sociedade clama pela justiça e que de fato haja democracia. Dessa forma, é algo lastimável que constituição sirva de interesses de uma minoria, que seja conduzida para se visar fins os quais são incompatíveis com a realidade social. Para que os princípios fundamentais possam ser realizados, é preciso lutar para que isso aconteça. Dessa forma a luta continua, pois, a mesma não pode parar a sonhos que se acumulam, mas que mesmo com a tomada dos direitos não podem ser

esquecidos e sim fortalecidos e devem lutar para que as coisas aconteçam, tais versos servem para refletir sobre o que está sendo aprovado nas bancadas.

Sabemos que as mulheres estão ganhando seu espaço de destaque na sociedade, mas sabemos também que não tem sido nada fácil, pois há ainda hoje o machismo, homens que possuem pensamentos retrógados e que hoje estão sendo combatidos, pois as mulheres estão organizadas e determinadas em lutar pelos seus direitos na sociedade atual. Os versos seguintes veremos e analisaremos algumas dificuldades que as mulheres enfrentam, mas que não a fazem parar diante de tais dificuldades e que através da poesia também podemos ver uma manifestação se tornando uma luta de todos, mas bem sabemos que só isso não basta, pois, a sociedade não é igual, ao contrário é desigual.

Seguiremos a análise com os seguintes versos:

“O sangue das irmãs mortas escorrem
Em nossos dedos para nos fazer lembrar
Todo ano, 8 de março, cada flor que cê me dá
Levo para o cemitério para o túmulo enfeitar...
Dos poucos corpos que sobraram,
guardam lembranças que amaram
O mesmo cara que atirou, agrediu, sacrificou
Sua honra, sua coragem, respeito, dignidade
Revelou na trairagem seu machismo selvagem...”

Nos versos acima, notamos que a autora do poema se compadece com suas irmãs, ou seja, com as mulheres que foram mortas. É muito impactante as formas como os versos acima são apresentadas: os versos “O sangue das irmãs mortas escorrem/ Em nossos dedos para nos fazer lembrar”, aqui podemos ver que a luta das mulheres por seus direitos não foi e não está sendo fácil, infelizmente muitas mulheres morreram. Em cada noticiário podemos notar que o número de vítimas tem aumentado e esse sangue, ou seja, as notícias os relatos nos fazem lembrar que ainda há muito a combater.

Os homens cada vez mais, com seu machismo, têm tratado e agido de forma dominante como se as esposas, namoradas, mães, meninas e jovens fossem um objeto do qual nós somos os donos. Atualmente a sociedade machista tem agido de forma bruta, pois é podemos ver que as manifestações vêm de todas as formas. As mulheres estão buscando seus direitos e lutando contra toda e qualquer violência da qual são vítimas. A

autora do poema traz à tona abusos e violências que as mulheres todos os dias sofrem, que são vítimas de agressão física, moral, psicológica.

Mulheres que foram mortas por homens covardes que por levarem um não ou serem abandonados, porque suas esposas, namoradas não aguentarem mais serem espancadas, violadas, estupradas e que não suportaram mais as agressões decidiram dar um basta, porém tiveram suas vidas ceifadas, por homens que diziam ama-las, que diziam cuidar. Hoje elas estão em cemitérios, em túmulos e que dia dedicado as mulheres 8 de março, são nos túmulos que as rosas enfeitam. Famílias que sofrem com as ausências de pessoas amadas, vítimas não só de homens, mas de toda uma sociedade que inibe toda uma classe que luta, mas que não desiste de lutar.

Os amigos, familiares, vizinhos que ficaram sofrem ao lembrarem da pessoa amada que foi vítima e sofrem bem mais quando não é feita a justiça. Assim, só resta a lembrança, a dor da perda, a saudade. São momentos de dor e angustia dos entes que ficaram. Não descartando as vítimas que sobreviveram, que com toda certeza sofrem também com dores traumáticas e que não são mais as mesmas mulheres que um dia tiveram um sorriso bonito, alegre, felizes. Hoje, sentem dores, medos, impuras, violadas e que atualmente também estão engajadas em lutar e combater o machismo e todas as práticas que inibem as mulheres.

Continuaremos a analisar os seguintes versos:

“E sem dá margem pra choros, implorações
Na cabeça remoía suas dores, decepções
Decepção é o caralho, nem tente explicações
Insatisfações não justificam o seu ato
Por pouco não a largou pelada morta no mato
Para fatos, não use contra evidências
No tribunal da vida quem julga é sua consciência
Tão chulo, o modo que a fez perder sua inocência
Não, meu amigo, você não tem demência
Só deixaram de ensinar que erros tem consequências
E a falência, de amor no coração
A permanência, de mais um corpo no chão...”

Sem se importar com a dor que iria causar, sem dar margem para choros ou implorações, o agressor não se importou, bateu, agrediu e matou, física e psicologicamente por mero machismo, orgulho ferido, mas nada justifica a brutalidade e tanta violência para demonstrar que é o dominador e que manda na situação. Insatisfações, abandono, nada justifica a violência, abusos sem compaixão, não dando a mínima importância para a inocência. Muitas vezes por receber um não, por receber o pedido de divórcio, por não aguentar mais práticas de violências, por não permitir mais ser explorada.

Um absurdo pensar que tal violência é praticada ainda hoje simplesmente por orgulho ferido de homens que não aprenderam a perder, a amar, a respeitar e sem se importar com nada agrediu, matou não só uma mulher, mas várias que hoje lutam sem se importar com quem está lá na bancada, lutando por direitos de uma minoria que está sendo desprivilegiada e que se mobilizam de diversas maneiras, pois precisam ser ouvidas e justicadas. A autora encoraja a mulher a lutar contra a agressão direta, e se fazer ser ouvida, pois no Brasil se tem uma postura que se a mulher é agredida isso acontece para que ela seja disciplinada, para determinados comportamentos não se repita.

Atualmente o movimento feminista é bem maior e se faz forte a cada momento, as mulheres estão se posicionando contra qualquer tipo de inibição que possam sofrer, lutando e demonstrando o contrário do que a sociedade prega que é um pensamento bastante retrógrado, porém embora se tenha a Lei Maria da Penha, medidas protetivas ainda sim o estado é muito lento em relação ao cumprimento das leis que protegem as mulheres de seus agressores e justamente para combater essa lentidão que as mulheres estão cada vez mais organizadas e firmes quanto a sua luta para serem que as leis sejam de fato cumpridas.

Os versos que seguem nos trazem para uma reflexão sobre um sistema, ou melhor, uma sociedade que ainda tem muito que apreender e mudar ideias que são retrógradas.

“Não, meu amigo, você não é só mais um morto
Você só é a prova de um sistema que aprova homens
Que nos violentam em casa ou no relento
Mas se sustentam, com sua misoginia
Propagam a ideia que mulher fica na pia?!...”

A autora nos versos acima nos alerta para algo que está desfaçado em nossa sociedade, pois ainda na atualidade nos deparamos com indivíduos que acreditam que o lugar das mulheres é em casa cuidando de seus filhos, da casa, do marido, totalmente submissas, sem o direito de expressar o que sentem ou pensar se isso for contrário ao seu marido. Mesmo com leis que eram para protegê-las observamos que ainda há resistência quanto à aplicação das leis que asseguram as mulheres, nota-se resistência, uma não importância para essa lei, levando em conta que o sistema na maioria das vezes beneficia aos homens que praticam violências.

O feminicídio trazido pela autora revela que essa prática não ocorre de súbito, mas sim como uma consequência de diversas situações de abuso no ambiente doméstico, como intimidação, ameaças, violência sexual. E é exatamente contra esse sistema que defende os homens que a luta permanece e cresce. Trata-se de desmistificar outras ações que a muito tempo a sociedade prega como verdade absoluta; que lugar de mulher é somente no lar, cuidando da casa, filhos e só. Atualmente, com a busca da mulher por uma diferença libertadora de princípios retrógados, observa-se que elas estão unidas e em busca de seus direitos e de uma identidade que contraria o sistema opressor das mulheres.

Nos versos finais do poema podemos notar também a força e garra das mulheres e o quanto a batalha vai ser difícil.

Imagina se um dia, a gente se rebelar
Pra cada assédio cometido, um tiro ia levar
Pra aprender a respeitar
Perceber e também notar
Que juntas resistiremos, unidas também lutemos
E entendemos, que é cada um no seu lugar
Equidade necessária, direitos vamos cobrar
E olha lá, é perigoso te contar, mas o nosso real plano
É o mundo dominar.

Nos versos citados acima nota-se que as mulheres com uma nova identidade assumem lugares de destaque na sociedade e atualmente elas estão empoderadas, pois participam de debates e a partir de então é preciso assegurar às mulheres liberdade e autonomia e que possam se beneficiar com os mesmos direitos dos homens e que sua voz

seja respeitada, através de ações que colocam as mulheres em todos os campos sociais, políticos e econômicos, participando de tomadas de decisões importantes para o futuro da sociedade. As mulheres já se rebelaram não de forma violenta como alguns homens, porém elas lutam, buscam, gritam, cobram e não desistem, pois, a fila do sonho lota e elas permanecem de pé e conquistando cada vez mais sua identidade no meio social opressor.

A segunda poesia que analisaremos chama-se “Dandara” do autor Saulo Vieites, psicólogo, reside em Fortaleza, o terceiro ganhador do Slam gentil. Escreve há mais ou menos 12 anos, porém passou a compartilhar sua poesia com as pessoas tem pouco mais de três anos. Começou a escrever na adolescência, quando conheceu a poesia dos modernistas, principalmente Manuel Bandeira. Saulo de início teve a impressão que aqueles poemas eram simples e que ele podia escrever. Manuel Bandeira foi o primeiro poeta que ele leu e que pensou que a poesia era coisa para ele. Depois que conheceu a poesia marginal essa ideia que a poesia era para ele foi reforçada.

Para Saulo a poesia serviu como forma de expressar as angustias, incertezas, paixões e umas poucas alegrias da adolescência, não que tenha tido uma adolescência de poucas alegrias, mas dessa época dificilmente os momentos de alegria e tema de suas poesias. Hoje, pensa que escrever tem dupla importância. A primeira uma forma de existir, ou de resistir à vida. A poesia é um “lugar” para onde possa “jogar” conteúdos que têm e que não parecem caber nele. É uma forma de existir para além dele, de ampliar a existência. A poesia também o inspira a manifestar sua indignação com acontecimentos como o que ocorre com a travesti Dandara, uma poesia voltada para uma função social.

Analisaremos alguns versos do poema

Pouca gente repara,
Dandara,
Na tua dor.
Em quem falta amor,
Triste tua sorte,
Teu corpo de mulher
Inspira mais furor
Que a crueldade de tua morte.

Infelizmente a dor de Dandara como o autor diz, pouca gente repara, pois o simples fato de Dandara se assumir mulher causa muita revolta, de forma que sua morte

ou melhor a forma como foi morta demonstrou a desumanidade e falta de amor das pessoas que riam e não se compadeciam de sua morte. Sua escolha causava revolta, pois, escolheu ser menina e inspirou revolta, furor de quem não entende e nem sabe o que é realização.

Penso num instante,
Se ao invés de ti,
Mulher travestir,
Negra e do Bom Jardim;
Fosse morto um bacana,
Homem cis, branco e rico.
Morador de Copacabana
Um padre, político ou ator.

O poema traz uma realidade que nos causa revolta, pois, Dandara foi morta vítima de transfobia e nada foi feito, morta por ser mulher travestir, por ser quem de fato queria ser e não o que as pessoas queriam que fosse. Os versos trazem à tona a intolerância da sociedade que prega igualdade quando na verdade mata, crítica, xinga, maltrata, humilha e é racista. Revelando também a impunidade do país que se revela a favor dos que tem “prestígio” e desprivilegiando a outros.

Nos versos que segue o autor revela mais ainda nossa realidade quanto ao país de “igualdade social”:

Haveria por certo um clamor
Pedindo pena de morte,
Leis com mais rigor
E redução de maior idade.
Em qualquer cidade,
Jornais inteiros sobre o perfil
dos criminosos,
discursos de familiares e
amigos odiosos.
Talvez até filtro em redes sócias.
E esse poema seria
Para apontar a insensatez

Do ódio cego tentando mudar leis.

O poeta traz algo do qual infelizmente tem razão, pois se fosse qualquer outro indivíduo, veríamos em todos os jornais perfis dos criminosos, vários discursos de familiares, amigos revoltados com o crime, discursos para que as leis fossem reformuladas, redução da maior idade penal, afinal foi um rico, alguém da alta sociedade, haveria um clamor os garotos que praticaram o crime teriam sido presos levados a alguma casa para jovens infratores, porém não foi bem assim, pois, se tratava de uma travestir negra, pobre do Bom Jardim.

Dandara e muitas outras mulheres trans foram assassinadas. É altíssimo os índices de violências e morte; além da morte, toda humilhação que as pessoas trans enfrentam ao longo da vida é algo sobre o qual todos deveríamos estar falando. Mas não aconteceu dessa forma, Dandara foi morta e nada foi feito, diversas outras Dandaras são mortas e nada é feito, nenhuma providencia de nossos governantes foi tomada para que a justiça fosse feita em honra a todas as trans que passaram por momentos de humilhação e agressão. Mas, como o próprio poeta diz:

Mas nada disso acontece,
Dandara!
Você foi morta a pauladas,
O vídeo circula livremente,
E não há comoção nacional.
É que teu corpo, Dandara, é alvo
De mais ódio
Do que a crueldade dos teus algozes.

Você viveu um crime,
Um crime imperdoável.
Nasceu num corpo estranho,
Tinha alma feminina
Mas não corpo de menina.
E foi também estranho
O nome que recebeu.
Não suportara,

Não se reconheceu
Adotou um nome mais seu
Chamou-se Dandara.

Dandara eu não sei se o assassinato dela (enquanto motivação) esteve relacionado a sua identidade de gênero, mas claramente o ser mulher trans intensificou o ódio e a violência na maneira como ela foi morta e de forma contraditória atenuou na população em geral a indignação ante o fato. Se a pessoa no vídeo não fosse uma travesti moradora de periferia, certamente o vídeo teria gerado comoção nacional. Quando Dandara foi assassinada o vídeo gerou certa repercussão, mas durou pouco, muito pouco.

Observamos que Dandara lutava por sua identidade, adotou um nome para si, nome esse que traria muito significado, pois era nome de guerreira. Tinha uma alma feminina e buscou sua essência, não foi aceita e foi morta cruelmente por trans negra. Lutava por um lugar na sociedade, sociedade essa que se julga igualitária. Uma sociedade cega e que não aceita as transformações. Uma análise interessante é que quando o autor fala que ela viveu um crime imperdoável, podemos interpretar de duas formas que não podem ser descartadas.

A primeira análise seria um crime divino, pois, se Dandara tinha a alma feminina, por que Deus não há fez nascer mulher, nasceu em corpo estranho para sua alma que é feminina, porém em um corpo masculino nasceu. Em uma segunda análise um crime que também nos revela o machismo que ainda age de forma dominante em nossa sociedade, pessoas intolerantes que não se importaram com a sofrimento que estavam causando dor, pois a pauladas foi morta em mais um crime imperdoável.

Dando continuidade à análise seguimos com os seguintes versos:

Dandara,
Tua dor quase ninguém repara.
Em vida,
Teu corpo muito serviu
Escárnio, piadas e gozo viu.
Em quantas vezes tentou:
Arrancar o falo?
Adequar-se a ele?
Quantas vezes, menina, teve

Vergonha de ti mesma,
Quantas vezes foi exposta em vida?

O autor traz algo bem peculiar e que nos faz refletir sobre o modo como trataram a mulher/travestir que por muitas vezes nenhum de nós se importou com sua dor, com seus temores, sentimentos, se sofria e que por muitas vezes tentou se adequar ao seu nome. Seu corpo serviu tanto para o prazer sexual como para risos, risos esses que ninguém se importou se ela sofria ou não com as piadas, escárnios e que com toda certeza a fez sentir vergonha de si mesma, foi exposta ao ridículo, por simplesmente lutar por sua identidade de mulher.

Dandara lutava tanto por sua condição de trans quanto por sua cor e isso ínsita furor em uma sociedade que não compreende sua busca, seus anseios, o que de fato lhe faria bem. Preferem julgar, criticar decide que nem influenciam para o restante da sociedade, afinal, Dandara era livre para decidir a sua identidade de gênero. A intolerância é cega e faz com que alguns indivíduos ajam de forma grotesca sem se importar com o que cada indivíduo escolha para si.

Exposta de forma cruel e sem nenhum pudor, Dandara foi agredida, riram de uma morte como se fosse piada. Em sua vida foi também alvo de piada e com sua morte não foi diferente. Uma mulher foi morta, onde está a lei que guarda as mulheres? Sim, porque Dandara era mulher e foi vítima de transfobia, de feminicídio sendo assim desprezada, menosprezada por ser mulher trans e negra como se ela não tivesse direito algum, por motivos torpes e fúteis uma vida cheia de planos e sonhos foi ceifada. Palavras essas ressaltadas nos versos abaixo:

Como tu vida
Tua morte cruel
Foi feita espetáculo.
E não vejo clamor contra o réu.
Teu corpo,
Em vida, sempre chacota
Também em morte foi exposto.
“Morreu de calcinha.”
Disseram com desgosto.

Diante de tamanha crueldade contra uma mulher, não houve um clamor contra o réu, porém o desprezo contra esta mulher guerreira que morreu e fizeram de sua morte um espetáculo como bem fala o autor do poema. Continuemos a análise com os versos:

Terá sido amada, menina?
Terá tido ao menos um instante de amor.
Dandara, terá alguém te feito uma rima?
Se não na vida, menina,
Na morte,
Te dedico um poema,
Um carinho
E aponto por iguais
Um poema
Dedo na cara escrota da sociedade
“Transfobia mata! Basta!
Deixem todas as Dandaras
terem os corpos que quiserem.
Uma mulher foi morta a
pauladas, indignem-se, é o mínimo!”

Vieites traz nos versos finais questionamentos e mais críticas para com a sociedade atual. O autor do poema questiona se Dandara terá sido amada, se tivera um instante de amor. Como forma de homenagem, o poeta faz não só uma rima, mas várias rimas dedicadas a esta mulher guerreira que foi Dandara. Um apelo é feito: que toda transfobia chegue ao fim, que deixem todas as pessoas trans representadas por Dandara, que tenham o corpo que desejarem e que nós não nos acomodemos com a violência contra a mulher, que nos indignemos que lutemos e que juntos busquemos dar um basta nesta sociedade machista e intolerante.

No fim do poema os versos nos mostram que Dandara morreu muito antes das pauladas e que seus assassinos não foram apenas aqueles garotos, mas também uma sociedade que não aprova só reprova. Vieites diz nos versos:

Que julguem os assassinos, mas
não condenem só os meninos.

Não foram só eles que mataram a travesti.

Dandara morreu outra vezes

Bem antes

Morreu

Em cada piada

Em cada olhar

Em cada desprezo

Em cada abuso

Em cada tapa

Em muitas palavras...

Dandara, o poeta repara.

Há um pedido de justiça, mas não apenas para aqueles garotos que a mataram com pauladas, mas, para a sociedade que a matou antes, sem se importar com a mulher ou com as mulheres que Dandara representava. Como o autor diz, ela foi morta outras vezes, nas piadas sem graça, nos olhares maldosos e desprezíveis, nos abusos que sofrera, nos tapas que levava com as palavras torpes que lhe falaram.

Para finalizar, o autor traz uma ressalva nos primeiros versos do poema, traz os seguintes versos: “Pouca gente repara, Dandara, Na tua dor”. Ao final, de forma carinhosa e singela ele diz que o poeta repara. Os versos que foram apresentados acima são um grito contra essa coisa pífia que é a transfobia. Um grito contra qualquer tipo de violência contra mulheres sejam elas trans ou não, são mulheres e merecem respeito, um grito de justiça por todas as Dandaras que foram mortas.

Considerações finais

Este trabalho buscou conhecer, sucintamente, o movimento Slam gentil e a literatura marginal como expressão de direito e respeito às mulheres e todos que fazem a sociedade. Desta forma, procuramos evidenciar alguns dos acontecimentos, em uma trajetória curta pelo movimento, para melhor compreendermos o movimento Slam, atribuindo-lhe a devida importância.

Compreendemos que o movimento Slam gentil na periferia de Fortaleza mantém-se ativo, porém adequando-se às novas demandas e reivindicações dos participantes na contemporaneidade. Enfrentando incontáveis desafios, seja no âmbito da sociedade ou

dentro do próprio movimento, formando novas alianças, reformando e inovando suas ideias quantas vezes fossem necessárias, em busca de novos espaços e articulações. As experiências das poesias incorporadas, em sua maioria, mostram o quanto os jovens têm a mostrar e contribuir para a sociedade. Há um grito de liberdade quanto aos preconceitos e julgamentos que a sociedade atribuiu a uma classe de pessoas menos favorecidas.

A poesia ali incorporada mostrava a luta de indivíduos que visam longe, grande, pois parte das poesias assim com as analisadas citavam o poder político com indignação e revolta. São jovens que buscam desmistificar uma “verdade” que muitos acreditam. Há um preconceito estampado do qual o povo brasileiro sofre por parte da elite. A literatura marginal traz à tona a voz dos esquecidos pela sociedade racista e preconceituosa. E é por meio da arte que tentamos explicar, nos identificar e entender a o grito de quem luta por seus direitos.

Referências

MEDEIROS, Fernanda T. de. **Afinal, o que foram as Artimanhas da década de 70:** a Nuvem Cigana em nossa história cultural. Brasília, 2004. Disponível em: www.scielo.br/pdf/elbc/n50/2316-4018-elbc-50-00254.pdf Acesso: 20 de maio de 2017 às 23:30h

MINCHILLO, Carlos Cortez. **Slam: cartografia social e território poético.** São Paulo, 2017. Disponível em: <http://cdc.fflch.usp.br/sites/cdc.fflch.usp.br/files/u98/Slam%20-%20cartografia%20social%20e%20territo%CC%81rio%20poe%CC%81tico%20%20Minchillo%20-%20marc%CC%A7o%202017.pdf> Acesso: 30 de novembro de 2017 às 14:56h

NASCIMENTO, Érika Peçanha. **“Literatura marginal”:** os escritores de periferia entram e cena. São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta. **Literatura marginal: questionamentos à teoria literária.** Porto Alegre, 2009.

RAMOS. Gabriel Teixeira 1. **Narrações de experiências urbanas por meio de slams de poesia de São Paulo.** São Paulo, 2017.

SANTOS, Izaquias Estevam dos. **Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica.** 11. Ed, rev. e atual. Niterói: Impetus, 2015.

VAZ, Sérgio. **Literatura, pão e poesia: histórias de um povo lindo e inteligente /** Sérgio Vaz; apresentação de Heloisa Buarque de Hollanda; posfácio de Eliane Brum. – 1. Ed. – São Paulo: Global, 2011. – (Coleção Literatura Periférica).

ZIBORDI, Marcos. **Literatura marginal em revista**. Brasília, 2004. Disponível em: www.scielo.br/pdf/elbc/n50/2316-4018-elbc-50-00254.pdf Acesso: 20 de maio de 2017 às 23:00h